

Têrça-feira, 6 de Março de 1956

RUBEM BRAGA

SUGESTÃO

VOCÊ pode considerar o major Veloso um piroquete ou um herói, grande patriota ou simples desordeiro, turista ou bandeirante — como quiser. Eu por mim não tenho juízo formado sobre esse homem, e evitei comentar sua aventura. Ela me pareceu, sobretudo, a pequena expressão de uma grave crise de disciplina que não será fácil vencer tão cedo.

O admirável êxito com que o general Lott traiu e derribou o chefe das Forças Armadas da Nação, que é o presidente da República, é um exemplo sedutor. Foi lá no alto que «começou a ignorância»: a lição vem do Condestavel.

Distarce como puder o sr. Juscelino, seu grande problema no governo é mesmo o general Lott, essa estranha mistura de Gioconda e granadeiro prussiano. Ele é exemplo vivo de que «o golpe compensa»; cesteiro que fez dois cestos poderá fazer um terceiro, e até mesmo um balaios. Ele é quem está precisando de anistia, e não o major Veloso. E convém esticar essa anistia no tempo, inventar uma espécie de anistia prévia, ou preventiva; de outro modo teremos a tristeza de ver na cadeia o brigadeiro Alves Cabral, que ontem fez declarações francamente ameaçadoras, como esta: «se vier essa anistia, quem vai para a cadeia sou eu!». E teve esta exclamação desolada: «de que valeu o nosso esforço?». Uai, o homem ganhou a guerra e não está satisfeito.

Alguns jornais exagerados estão querendo que o major Veloso e seus companheiros paguem os 180 milhões de cruzeiros que essa aventura «custou ao Brasil». Se eu fosse o major reclamava contra essa conta, ou pedia pelo menos um abatimento. Que diabo! Parece que gastaram dinheiro demais mobilizando céu, terra e mar. Felizmente o Brasil não chegou a perder tanto dinheiro, porque ele ficou por aqui mesmo, apenas se movimentou. Vamos alimentar a esperança de que se colha algum proveito com as manobras realizadas, que os estados-maiores certamente estudarão com o maior carinho. Além do mais, ainda não apresentaram a conta das despesas que o general Lott fez para salvar a República e se firmar em cima dela. Terão caído em exercício findo?

O governo anda querendo nomear uns embaixadores tão estranhos que seria o caso de pensar em mandar também para uma embaixada (depois de fazê-lo marechal, embora docemente constrangido) o simpático general que é Lott (como diria o Jacinto de Tormes, e como digo eu, para evitar o diminutivo). Proponho a embaixada do Vaticano; que o homem é rezador, e dizem que até discípulo de Santo Inácio de Loyola, guerreiro e fundador da ordem dos jesuítas.